

Seca afeta maioria das lavouras de milho safrinha



[Clique aqui para abrir a imagem](#)

Autor: Redação

Notícias

Publicado

11 minutos atrás

em

28 de abril de 2021

Por

Redação

Share Tweet

Além do atraso do ciclo da soja, tanto no plantio quanto na colheita, que resultou na semeadura tardia do milho safrinha em boa parte do Brasil, a baixa precipitação em importantes regiões produtoras nas últimas semanas também poderá limitar o potencial produtivo das lavouras.

A maioria das regiões monitoradas pela Geosys Brasil por meio de sensoriamento remoto registra pouca chuva. No Paraná e no Mato Grosso do Sul a situação é crítica. A ferramenta da Geosys acendeu um alerta para estes estados, onde a seca está mais intensa.

Siga-nos: Facebook | Instagram | Youtube

No Paraná, principalmente no norte e oeste do estado, o vigor da vegetação está no menor patamar em relação aos últimos anos. Felipe Reis, analista de cultura da Geosys Brasil, explica que a situação está relacionada à falta de umidade no solo nos primeiros 25 dias do mês de abril, quando a chuva acumulada foi de apenas 12 milímetros - a média histórica para o mês é de 90,3mm. O balanço hídrico (P-ETP) é o mais baixo dos últimos 30 anos. Diante desse cenário, a estimativa é que a produtividade fique 21% abaixo da tendência (considerando os últimos 15 anos). Caso a seca continue, é possível reduzir ainda mais as estimativas, afirma o analista.

No Mato Grosso do Sul, o cenário é semelhante. Entre 20 de março e 25 de abril, o volume de chuvas foi de apenas 29,9 milímetros, bem abaixo da média (125,74 mm). No estado, o vigor da vegetação está em patamar abaixo da média e, caso a seca continue, as lavouras podem ser ainda mais impactadas. Vale ressaltar que foram registradas boas chuvas nos últimos dias no estado, porém, a recuperação das lavouras vai depender de regularidade da chuva nas próximas semanas.

Já no Mato Grosso, apesar da precipitação abaixo da média, choveu praticamente todos os dias nos meses de

março e abril (até 25/4), o que permitiu melhor desenvolvimento das lavouras. Nos primeiros 25 dias de abril, o volume de chuvas foi de 73,7 mm, abaixo da média para o período que é de 101,8 mm.

Os dados do monitoramento identificaram que o índice de vegetação das plantas no Mato Grosso parece ter atingido o menor ponto em relação aos últimos anos, indicando que as lavouras podem não estar em boas condições. Além disso, a umidade do solo evidencia uma similaridade com 2016, ano em que houve quebra de safra. Apesar disso, o cenário ainda não é preocupante como naquela época. Por enquanto, espera-se uma produtividade semelhante a 2018, considerando a tendência.

O relatório de monitoramento indica que é possível haver recuperação das lavouras de milho safrinha no Mato Grosso nas próximas semanas, mas para que isso ocorra será preciso bom volume de chuvas. A análise da Geosys Brasil aponta chuva abaixo da média para a maior parte da zona do milho safrinha nos próximos dias. Segundo o modelo de previsão climática europeu (ECMWF), no Mato Grosso e Paraná, o volume de chuvas para os próximos 10 dias deve ficar entre 0 e 2 milímetros em praticamente todas as regiões.

Atualmente, a estimativa de produção de milho safrinha no Brasil está em 106,07 milhões de toneladas, considerando a produção anual.

Por Geosys Brasil

AGRONEWS - Informação para quem produz

Não perca

Embrapa aposta na descarbonização da produção de leite

Publicidade

MAIS DESTAQUES

Oferta e demanda internacionais de grãos coloca mercado em alerta, afirma Sistema Faep-PR

Trigo: cotações atingem recordes na região sul do Brasil

Milho: preços seguem aquecidos no Brasil

Em MS, mercado internacional e taxa de câmbio motivam alta de 96,6% no preço da soja

Perdas com cigarrinha do milho serão cobertas pelo Proagro

Paraná destina R\$ 10 mi para subvenção ao seguro rural

Embrapa

Publicado

50 minutos atrás

em

28 de abril de 2021

Por

Redação

O assunto foi tratado pelo presidente da Empresa, Celso Moretti, durante coletiva de imprensa realizada no dia 27 de abril por ocasião das comemorações dos 48 anos da **Embrapa**. Um dos exemplos de destaque mais recentes nessa linha é o projeto realizado em parceria com a Nestlé, anunciado em março deste ano. 'Vem por aí o leite de baixo carbono. (?) Nós estamos estudando indicadores de sustentabilidade e a implementação de boas práticas de produção que vão integrar um protocolo nacional pioneiro para essa produção', afirmou.

Siga-nos: Facebook | Instagram | Youtube

A adoção de tecnologias e boas práticas, como sistemas de integração Lavoura-Pecuária-Floresta (ILPF), recuperação de pastagens degradadas e uso de aditivos na nutrição, é capaz de compensar as emissões de gases de efeito estufa geradas pela atividade leiteira e ainda pode tornar o sistema de produção mais resiliente, trazendo vantagens econômicas para o produtor.

Com a parceria, serão elaborados protocolos por bioma e por sistema de produção pela **Embrapa** Pecuária Sudeste (SP), que servirão de base para uma calculadora de balanço dos gases de efeito estufa (GEE) e um sistema digital de monitoramento por meio de aplicativo. A calculadora, que será desenvolvida pela **Embrapa** Informática Agropecuária (SP), vai contabilizar o balanço de carbono nas propriedades de acordo com as características de cada região ou bioma e dos diferentes sistemas de produção, e vai permitir aos produtores compreender melhor onde estão concentradas suas emissões, contribuindo para uma tomada de decisão mais assertiva para reduzi-las.

'Nós entendemos que isso vai possibilitar que o produtor seja remunerado pela empresa ao demonstrar que está fazendo um leite de baixo carbono. Isso vai melhorar a competitividade do produtor de leite no Brasil', ressalta Moretti. Ainda, segundo ele, os dados e inovações que serão obtidos nessa parceria serão abertos para todos os produtores de leite ou qualquer empresa ou cooperativa no Brasil.

A iniciativa está alinhada com as políticas públicas do setor para redução das emissões de gases de efeito estufa, como o Plano Nacional de Adaptação e Mitigação de Gases de Efeito Estufa na Agropecuária (ABC+ 2020-2030) apresentado em 20 de abril pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), uma atualização do Plano ABC executado de 2010 a 2020. Além do leite de baixo carbono, a **Embrapa** também lançou neste ano o programa soja baixo carbono e está iniciando estudos voltados para a produção de algodão e café.

Parceria leite de baixo carbono

A Nestlé tem o objetivo de neutralizar todas as emissões de suas operações, incluindo as cadeias de fornecimento, até 2050, com metas intermediárias de redução de 20% até 2025 e de 50% para 2030. E os protocolos desenvolvidos pela **Embrapa** vão auxiliar as propriedades que fornecem leite à empresa a reduzirem as emissões de GEE por meio da implementação de boas práticas de produção.

Os indicadores utilizados no protocolo serão validados em escala experimental na **Embrapa** Pecuária Sudeste e em escala comercial nas propriedades leiteiras em diferentes regiões do país.

<https://agronews.tv.br/saiba-como-calcular-arroba-do-boi-corretamente/>

A **Embrapa** Informática Agropecuária será responsável pela adaptação de modelos matemáticos e métricas que, por meio de um componente de software, serão integrados à calculadora que vai contabilizar o balanço de carbono nessas fazendas.

Serão realizadas capacitações de técnicos e produtores. Também está prevista a publicação de um guia de boas práticas para pecuária de leite de baixo carbono.

A adoção dos protocolos deverá ter impacto positivo nas metas de descarbonização da economia do país, com a oferta de práticas mitigadoras aos produtores e, dessa forma, de leite mais sustentável para a população.

Por Gisele Rosso - **Embrapa** Pecuária Sudeste

AGRONEWS - Informação para quem produz

Continue lendo

Mercado Financeiro

Publicado

1 hora atrás

em

28 de abril de 2021

Por

Redação

Diante disso, nesse período, o IPPA/Cepea (Índice de Preços ao Produtor de Grupos de Produtos Agropecuários) avançou 14,1% frente ao primeiro trimestre de 2020, em termos reais, segundo cálculos do Cepea (Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada), da Esalq/USP.

Siga-nos: Facebook | Instagram | Youtube

Esse cenário é resultado sobretudo do aumento real expressivo do IPPA-Grãos/Cepea, de 32,8% no primeiro trimestre de 2021 em relação ao mesmo período do ano passado. Neste caso, todos os grãos que compõem esse Índice registraram forte alta real nessa comparação: de 43% para a soja, de 30% para o arroz, de 22% para o algodão, de 19% para o milho e de 11% para o trigo.

Além disso, o IPPA-Grãos/Pecuária também subiu, mas de forma menos intensa, 4,7%. Por outro lado, o IPPA-Cana-Café/Cepea e IPPA-Hortifrutícola/Cepea recuaram no primeiro trimestre de 2021 frente ao mesmo período do ano passado, 10,8% e 9,8%, respectivamente, em termos reais.

<https://agronews.tv.br/perdas-com-cigarrinha-do-milho-serao-cobertas-pelo-proagro/>

Já entre o último trimestre de 2020 (de outubro a dezembro) e o primeiro de 2021, o IPPA/Cepea apresentou queda real, de 5,1%. Segundo pesquisadores do Cepea, isso se deve, especialmente, à redução observada para o IPPA-Pecuária, de 7,1%, que, por sua vez, foi pressionado especialmente pelas desvalorizações dos suínos e do leite nos três primeiros meses de 2021.

Por Cepea

AGRONEWS - Informação para quem produz

Continue lendo

Notícias

Publicado

1 dia atrás

em

27 de abril de 2021

Por

Redação

Os altos preços dos grãos, principalmente soja e milho, no mercado internacional refletem a relação - já um tanto estreita - entre oferta e demanda no Brasil e no mundo. Com os estoques globais dessas commodities em baixa por conta da queda na produção e produtividade das lavouras em função de adversidades climáticas e do aumento do consumo mundial, o setor tem convivido com uma certa tensão. Essa linha tênue entre oferta e demanda, que não deve mudar no curto prazo, impacta nos custos de produção das proteínas animais e na sustentação das cotações no cenário global.

Gráficos: para conferir os números da reportagem da versão digital do Boletim Informativo, clique [aqui](#).

Neste contexto, os Estados Unidos ocupam um papel primordial, visto que o baixo volume dos estoques de soja no país vem causando maior tensão no mercado e explica as altas significativas na Bolsa de Chicago. Dados do boletim do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (Usda), divulgado em abril, apontam que os estoques norte-americanos estão em 3,3 milhões de toneladas - redução de mais de 80%, se comparado aos 17 milhões de toneladas de agosto do ano passado.

Do outro lado está a China que, em 2020, concentrou o apetite pela soja norte-americana - mesmo porque o Brasil praticamente não tinha mais o grão disponível no segundo semestre do ano. Desde o surto de Peste Suína Africana (PSA), o país asiático precisou fazer robustos investimentos na reconstrução do seu rebanho, o que levou a uma dinâmica de compra mais agressiva nos mercados de soja e de milho.

O interesse chinês pela importação do cereal, no entanto, é um fator inédito. Até então, o país não possuía um histórico de compras de milho em grandes volumes - somente neste ano, foram negociadas quase 30 milhões de toneladas, sendo a maior parte proveniente dos EUA. Isso também derrubou os estoques norte-americanos do cereal para 34,3 milhões de toneladas - em agosto de 2020, eram 70 milhões.

Siga-nos: Facebook | Instagram | Youtube

'A relação entre estoque final e consumo mundial é a mais baixa das últimas sete safras para o milho e para a soja. Diante disso, os preços destas commodities permanecem como um importante fator de suporte para este ano. Vale ressaltar que 69% do estoque mundial de milho e 34% de soja estão na China', afirma a técnica do Departamento Técnico e Econômico (DTE) da FAEP, Ana Paula Kowalski.

Oleaginosa

A quebra da safra 2019/20 nos EUA foi um dos principais fatores que levaram à redução dos estoques da oleaginosa e que, diante do papel significativo dos norte-americanos, impactou na oferta mundial. 'Tempestades em Iowa e em parte de Illinois em agosto do ano passado, com ventos de até 240 quilômetros por hora, trouxeram uma quebra quase inédita para a safra norte-americana, principalmente porque o milho e a soja já estavam praticamente prontos para a colheita', relembra Paulo Molinari, analista da consultoria Safras&Mercado.

O resultado, em relação às projeções iniciais, foi uma produção menor em 10 milhões de toneladas de soja e em quase 20 milhões de toneladas de milho. Com isso, o estoque norte-americano da oleaginosa, que era de 15 milhões de toneladas, foi reduzido a um terço.

Segundo Ana Luiza Lodi, analista de inteligência de mercado da consultoria StoneX, enquanto a China investe para

reconstruir seu rebanho suíno, outros países também ampliam as importações da oleaginosa, o que contribuiu para o aumento da procura pelo grão. A explicação pode estar na retomada da economia mundial após a crise ocasionada pela pandemia do coronavírus, com o avanço da vacinação em muitos países.

'A China acabou reforçando a produção de outras proteínas, principalmente quando o rebanho suíno estava mais curto. Além disso, vemos outros países elevando as importações de grãos, diante das perspectivas positivas de demandas por proteínas animais ao redor do mundo e o crescimento do setor de biocombustíveis', aponta Ana Luiza.

A chegada de uma nova safra da América do Sul deve ser suficiente para abastecer o mercado de soja até a entrada da próxima safra norte-americana, a partir de outubro de 2021. A estimativa de produção brasileira do grão na safra 2020/21 é recorde, de 136 milhões de toneladas - superior aos 129 milhões da temporada 2019/20.

'A chave do mercado internacional é essa safra norte-americana, mas depende do clima. Só que agora há uma tensão maior porque os estoques norte-americanos já estão muito baixos', observa Molinari.

Do ponto de vista do mercado brasileiro, segundo o superintendente de inteligência e gestão da oferta da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), Allan Silveira, a expectativa é de que produção nacional alivie a pressão sobre a oferta doméstica. 'Passamos por um estoque muito apertado, principalmente no final de 2020. Foi suficiente para o abastecimento do mercado interno, mas teve essa disparada de preços no cenário internacional. A perspectiva, até o fim deste ano, é de que os estoques estejam maiores em relação a 2020', pontua.

Cereal

Apesar das boas expectativas para o Brasil em relação à colheita de soja, as adversidades climáticas podem interferir na oferta de milho. Em 2020, houve atrasos no plantio da oleaginosa em diversas regiões devido à escassez de chuvas. Essa estiagem estreitou a janela de semeadura do milho safrinha e, consequentemente, deixou a cultura suscetível aos riscos climáticos. Ainda, a demanda interna robusta e o aumento das exportações ao longo de 2020 pressionaram os estoques brasileiros.

Neste caso, o câmbio favorável associado às altas cotações de Chicago impulsionaram as vendas externas, deixando a oferta interna ainda mais reduzida. 'Há um atrativo para vender para fora. Além disso, especificamente no

Paraná, houve uma das piores secas no último ano, o que reduziu o número de pastagens e, consequentemente, aumentou o consumo de ração', explica Turra.

Segundo a Conab, os estoques brasileiros de milho se mantêm apertados até maio, mas a safrinha deve suprir a necessidade do mercado interno, com uma produção total das safras do cereal em 109 milhões de toneladas - 6,4% a mais que as 102 milhões da safra passada.

No cenário global, por outro lado, há uma disparada no consumo de milho, com a China adicionando uma demanda de 30 milhões de toneladas somente nos primeiros meses de 2021, reduzindo os estoques norte-americanos. Apesar das expectativas em torno da recuperação do rebanho chinês, há incertezas sobre a manutenção desta demanda até a entrada da nova safra chinesa em outubro.

'Devido à demanda da China, criou-se um ambiente de pressão em cima da safra norte-americana, porque não se sabe se o país vai continuar comprando milho nessa proporção. Mas, com os preços atuais, a tendência é que o agricultor norte-americano plante o máximo de milho que puder', salienta Molinari, da Safras&Mercado.

Ainda, as políticas favoráveis do presidente dos EUA, Joe Biden, em relação aos biocombustíveis, são mais um indicativo do aumento da demanda norte-americana por grãos, principalmente milho. Segundo o Usda, as estimativas de uso do cereal da safra 2020/21 para a produção de etanol são de 126,37 milhões de toneladas.

Planejamento e tecnologia são aliadas na hora de produzir

A oferta reduzida de grãos é um fator que gera preocupação para o setor. No entanto, especialistas garantem que as chances de escassez no mercado interno são quase nulas. Isso porque, além de ser um movimento sazonal, o Brasil, em destaque o Paraná, investe em tecnologia para modernizar os sistemas de produção e aumentar a produtividade.

'Temos grandes investimentos em agricultura 4.0, uma extensão rural e uma assistência técnica bem especializadas para garantir boa produtividade. Ainda, existem pesquisas sendo desenvolvidas com excelentes resultados', elenca Salatiel Turra, chefe do Departamento de Economia Rural (Deral) da Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Paraná (Seab).

Diante deste cenário influenciado por tantos agentes, a recomendação para o produtor rural, principalmente o autônomo, é o planejamento estratégico e a realização de compras antecipadas. 'Aqueles que conseguem se programar com contrato futuros tendem a ter uma margem de lucro mais elevada e garantir uma rentabilidade', destaca Turra.

Segundo o analista da StoneX João Pedro Lopes, o pecuarista que deixar as compras dos insumos para o início do confinamento vai pagar preços elevados, principalmente com o dólar em alta. 'Isso pode impactar ainda mais nos custos da produção e, dependendo, até desestimular a criação de animais confinados em produção intensiva', analisa.

Incerteza nos grãos tira o sono dos pecuaristas

Os estoques apertados e os altos preços dos grãos, combinados à significativa perda de força do real frente ao dólar, impactam diretamente a cadeia de proteína animal brasileira. Se por um lado o aumento dos custos de produção e a redução da oferta interna de grãos preocupam os produtores, por outro, a demanda internacional pela carne brasileira fica aquecida.

'Quando internalizamos os preços em dólar no mercado brasileiro, o custo da ração fica bastante elevado. Então, há esse processo que faz com que os preços das carnes subam. Ainda, temos uma demanda elevada, fazendo a carne brasileira despontar como alternativa e a remuneração da exportação compensar mais', analisa Ana Luiza Lodi, da StoneX.

Apesar do forte início da reconstituição do rebanho chinês em 2020, a preocupação com uma segunda onda de PSA causa incertezas no mercado. 'O cenário de uma demanda forte tem contribuído para a sustentação dos preços altos, mas o papel da China é muito grande e a gente tem que acompanhar essa questão da doença. Qualquer alteração na China pode causar um impacto global', alerta.

Em relação à carne bovina, o mercado está num movimento de alta desde 2019, em que a disponibilidade de animais para abate reduziu significativamente no Brasil. 'O ano de 2020 foi bastante pautado por essa situação e 2021 deve ser igual. A oferta de gado é pequena, o que dá suporte aos preços. Por outro lado, a demanda por carne bovina caiu

por causa do encarecimento substituída por proteínas mais baratas, como frango, porco e ovos', salienta o analista João Pedro Lopes, da StoneX.

Para 2021, a Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA) estima o crescimento de cerca de 5% da produção e do consumo de frangos e de ovos. Esse movimento é pautado, principalmente, pelos altos patamares do preço da carne vermelha e a diminuição do poder de compra do consumidor brasileiro.

Apesar das projeções da safra 2020/21 no Brasil serem positivas, principalmente de milho safrinha, aliviando a oferta apertada no mercado interno a partir do segundo semestre, o setor de carnes não descarta as preocupações em relação aos altos preços dos grãos.

Segundo o presidente da ABPA, Ricardo Santin, o câmbio elevado tem influenciado as decisões de retenção de especuladores, que impulsionam custos e inflação ao consumidor. Na avaliação da entidade, uma eventual desaceleração da produção de proteína animal pode impactar a demanda interna. 'O custo dos grãos aumentou mais de 60% em relação ao ano passado, em algumas praças, essa alta é superior a 100%. Diversas indústrias de aves estão operando no limite da viabilidade econômica, e há relatos de diversas empresas que estão reduzindo a produção para enfrentar o período', relata.

'Temos apresentado solicitações ao Mapa [Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento] para ampliação de nossa capacidade de armazenamento e instalação de armazéns, implantação de dispositivos de previsibilidade de oferta de insumos e outras medidas, como a facilitação da importação de grãos extra-Mercosul', complementa Santin.

Em contrapartida, no cenário externo, a China ainda representa uma oportunidade para as proteínas animais brasileiras. Segundo análise do chefe do Deral, Salatiel Turra, o Paraná deve se destacar nesse cenário a partir do reconhecimento de área livre de febre aftosa sem vacinação pela Organização Mundial de Saúde Animal (OIE), em maio de 2021. 'Isso vai abrir muitos mercados para o Paraná', aponta.

Por Sistema FAEP/SENAR-PR

Continue lendo

News Quentes Vídeos

Mercado Financeiro 13 segundos atrás

Notícias 11 minutos atrás

Diárias de Mercado 31 minutos atrás

Diárias de Mercado 36 minutos atrás

Diárias de Mercado 39 minutos atrás

Previsão do tempo 3 semanas atrás

Curiosidades 2 semanas atrás

Curiosidades 4 semanas atrás

Mundo Animal 3 semanas atrás

Previsão do tempo 2 semanas atrás

Previsão do tempo 1 semana atrás

Previsão do tempo 5 meses atrás

Previsão do tempo 5 meses atrás

Previsão do tempo 5 meses atrás

Previsão do tempo 5 meses atrás

Tendências

Notícias 1 semana atrás

Receita de Cupim na Panela de Pressão

Especialistas 1 semana atrás

Conheça o Rei do Gado Leiteiro

Mundo Animal 1 semana atrás

Conheça a raça Dogue Alemão, famoso 'cachorro gigante'

Mercado Financeiro 1 semana atrás

Preço do leite mantém em alta e garante rentabilidade ao produtor, segundo CONAB

Previsão do tempo 1 semana atrás

CLIMATEMPO 19 de abril 2021, tempo instável entre o Norte e Nordeste

Especialistas 7 dias atrás

Veja 7 dicas sobre cria e recria de bezerras e novilhas

Climatempo 2 semanas atrás

CLIMATEMPO 16 de abril 2021, veja previsão do tempo no Brasil

Notícias 5 dias atrás

Produtores de leite rechaçam dados divulgados pela CONAB

Assuntos e Palavras-Chave: Matérias com Citação da Embrapa - Embrapa, Embrapa Informática
Agropecuária, Embrapa Pecuária Sudeste